

O PASQUIM

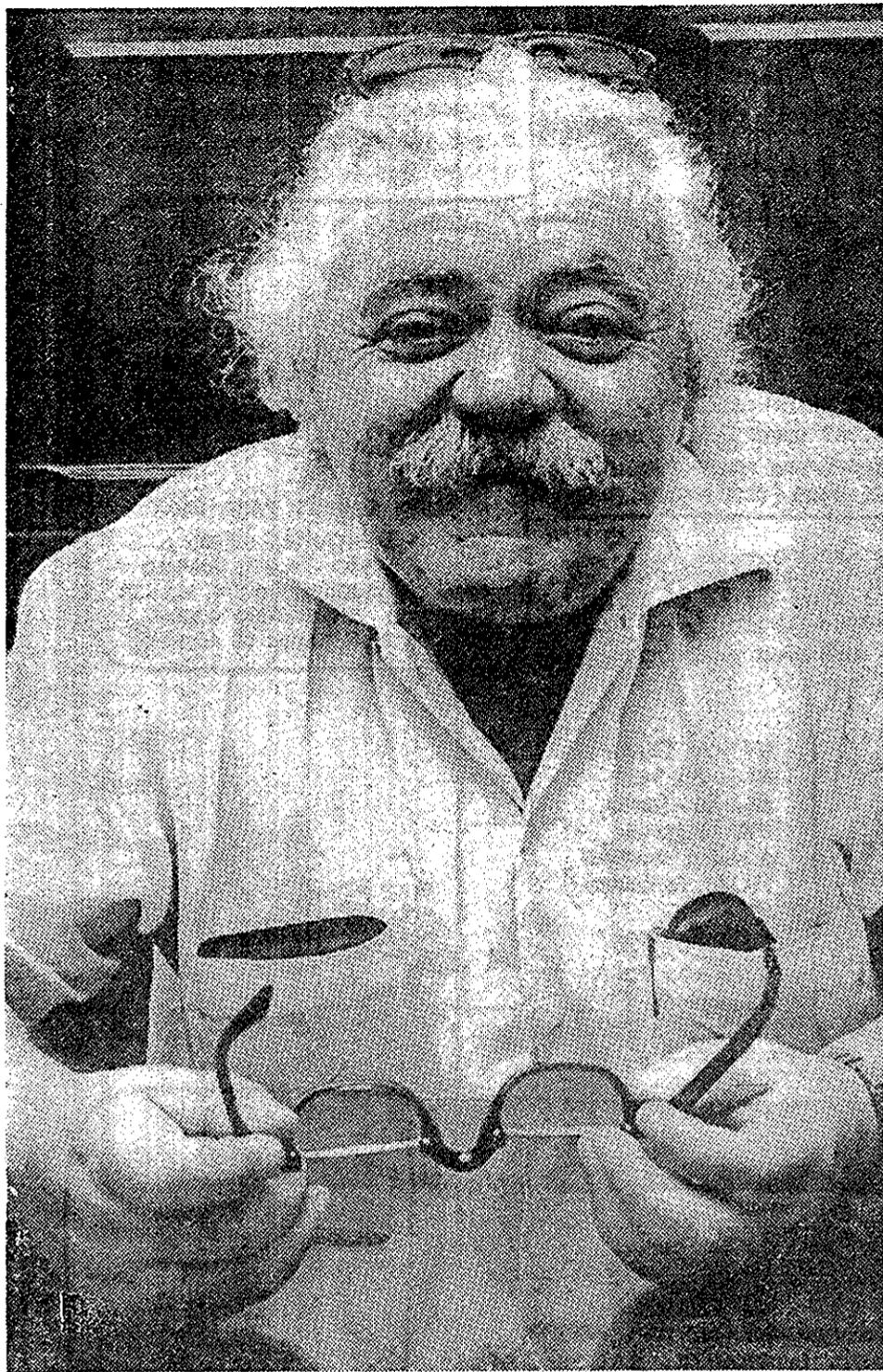
N.º 49 — Rio, 28/5 a 3/6/1970 — Cr\$ 0,50 — O PASQUIM — Um jornal distilled and bottled in Rio de Janeiro

SINCRÓDIA



EU, NOEL
NUTELS,
A JANE
FONDA
BRASILEIRA?
BONDADE
SUA.

— QUEM MATA OS NOSSOS ÍNDIOS?



“Morreu muito índio, morre ainda. Mas a pior forma de agredir é a presença da nossa estrutura econômica.”



NOEL NUTELS

Tudo começou quando Noel Nutels resolveu aderir a uma marcha para o Oeste. Foi por volta de 1942. Depois esse negócio de marcha passou de moda e ele continuou firme, todas as forças voltadas para o problema do índio. Acompanhou a criação do Parque Xingu, trabalhou ao lado dos irmãos Villas-Boas e lutou todos estes anos contra o lento assassinato da cultura indígena.

Tarso de Castro — Como você não é cantor nem sambista de segunda classe, nem diretor do cinema novo, portanto não é conhecido do grande público, dê o seu nome e a sua atividade principal.

NOEL NUTELS — Noel Nutels, médico de saúde pública, eu não clínico, não tenho consultório. Fazia malária e agora faço tuberculose. Mania principal: índio.

Vinícius de Moraes — Conheço alguns detalhes, mas conte aos leitores d'O PASQUIM quando e como começou essa sua mania por índio.

NOEL NUTELS — Eu trabalhava

na Baixada Fluminense, fazendo malária, era ali no quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo, onde é hoje a Universidade Rural, e um dia apareceu lá uma pessoa muito ligada ao Ministro João Alberto Lins de Barros. Você talvez não tenham conhecido o Ministro João Alberto, só o Vinícius. Foi um grande homem, um grande brasileiro, muito caluniado, inclusive com a pecha de ladrão. Quando morreu, viram que não tinha nada, morreu pobre, sem nada. Naquela época, João Alberto estava com a mania de marchar para o Oeste. Era 1942, 1943, já estávamos na II Grande Guerra. Ele era o Ministro da Coordenação Econômica. Como homem pernambucano, o seu plano consistia em instalar uma fábrica de açúcar no Brasil Central. Ele me convidou para participar da expedição com a missão de combater a malária numa região de Goiás, que é hoje uma cidade onde ele ergueu uma usina de açúcar. Naquela época, a luta contra a malária era muito difícil porque não havia esses inseticidas de ação residual, DDT, DHC, não havia essas coisas e também não havia os remédios contra a malária. O grande remédio que havia era uma fórmula alemã e nós estávamos em guerra com eles. Utilizamos então métodos de engenharia, conseguimos drenar aquela área e reduzimos ao mínimo, absolutamente tolerável, o problema da malária naquela região. Em 1946, quando terminei minha missão, falei com João Alberto que ia voltar, mas ele me perguntou se eu

não gostaria de fazer uma experiência nova, acompanhar uma expedição ao Xingu. Consultei a minha mulher, como sempre faço. Aliás, quero dar um furo pra vocês: sou casado com a mesma mulher há mais de 30 anos. Estou vendo o espanto estampado na cara de vocês, mas é verdade. Então, eu topei participar da expedição e fui morar num lugar chamado Xavantina, onde trabalhava como médico. A expedição ia penetrando pela região e eu ia acompanhando a marcha.

Sérgio Cabral — A marcha era feita em que espécie de veículo?

NOEL NUTELS — A marcha era a pé. Aliás, marcha sempre foi a pé. Mas depois passou-se a marchar a burro também. A nossa primeira tarefa, em todo lugar que chegávamos, era fazer campo de aviação. Eu ia num teco-teco, descíamos na selva e eu medicava o pessoal doente. Foi aí que tive os primeiros contatos com problema de índio. Foi em 1946.

Sérgio — Quer tomar um uísque?
NOEL NUTELS — Quero sim. Aliás, quando vocês me convidaram para a entrevista fiquei apavorado: lá vai o meu uísque. Mas vocês trouxeram e foi um grande alívio. A família está exultando.

Tarso — Quer dizer: você trabalha neste problema há 24 anos. Dá pé fazer isso no Brasil ou também se trabalha contra?

NOEL NUTELS — O Brasil tem um bom passado em relação a índio. Não sei de outra Constituição no mun-

do que tenha preceitos em relação a índio. Em todas as Constituições do Brasil sempre existiu um preceito garantindo ao índio a terra que ele ocupa. É claro que, historicamente, o índio sofreu muito no Brasil, como sofreram todas as populações autóctones com a chegada da chamada civilização. Morreu muito índio, morre ainda, mas a pior forma de agredir é a nossa presença, é a presença da nossa estrutura econômica. A presença de nossa estrutura mata índio. Não é bem problema de governo, é problema de estrutura econômica. Há uma história que eu sempre conto, de um cidadão, que comprou terras no Norte de Mato Grosso. Esse cidadão não é dos piores. É um homem muito rico que comprou terras para criar gado. Encontrou índios na terra dele e ficou na maior alegria. Ele sempre falava com seus amigos: “imaginem que nas minhas terras em Mato Grosso tem até índio, um negócio formidável”. Ele queria até ajudar os índios das terras dele, mas é muito difícil conciliar-se a estrutura de uma empresa agroindustrial, que visa a lucros, com uma população de economia primitiva, de mentalidade primitiva. Então, eu imagino que deve ter ocorrido isso: não havia mais antas para matar, nem outros animais de caça, que foram espantados pela própria atividade da fazenda, e os índios passaram a comer os bois do nosso amigo. Quer dizer: os índios comeram um, dois, três bois e o fazendeiro devia achar engraçado. Mas quando chegou no décimo passou a ser um negó-

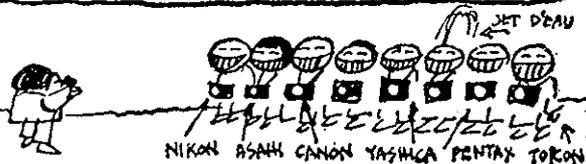
CLAUDIUS



ATENDENDO AOS QUATRO LEITORES QUE PEDIRAM SUA VOLTA (TRÊS ERAM PRIMOS E O QUARTO ERA ELE MESMO, COM PSEUDÔNIMO) CLAUDIUS SAI DO OSTRACISMO COM ESSA PEQUENA INTRODUÇÃO A GENEBRA.



GENEBRA FICA À BEIRA DE UM LAGO SUIÇO, NO MEIO DO QUAL HA' UM JET D'EAU, ISTO É, UM ESGUICHO, MUITO FOTOGRAFADO PELOS TURISTAS, ESPECIALMENTE OS JAPONÊSES (F. 11 A 1/25. 50 ASA)



TUDO COMEÇOU COM CALVINO, DIZEM OS MAIS EXAGERADOS, O FATO É QUE GENEBRA É SEDE DE MAIS DE 80 ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS, O QUE TRAZ UMA SÉRIE DE PROBLEMAS AOS SUIÇOS:



É MUITA GENTE: PARA CADA QUATRO HABITANTES SUIÇOS, 3 NÃO O SÃO. ASSIM, QUANDO SE QUER XINGAR ALGUÉM, MELHOR CHAMA-LO "ESTRANJEIRO" - TEM 70% DE POSSIBILIDADE DE ACERTAR

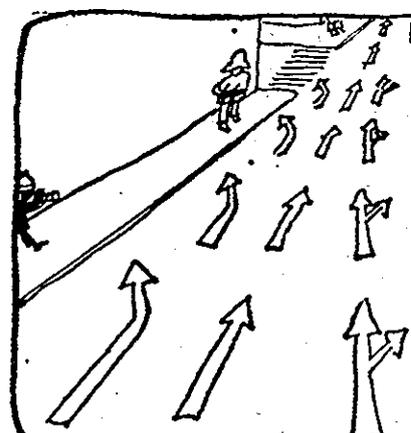


GENEBRA TAMBÉM FAZ RELÓGIOS - TEM RELÓGIO DE TODOS OS TIPOS

RELÓGIO "TIME IS MONEY", RELÓGIO "HOW MANY VC WERE KILLED TODAY?", RELÓGIO DE ASTRONAUTAS, DE MERGULHADORES SUBMARINOS, DE CORREDORES DE AUTOMÓVEIS, DE FLÔRES, FOSFORESCENTES, INCANDESCENTES, LUMINESCENTES, ELETRÔNICOS ET COETERA E TAL. ISSO LEVOU OS SUIÇOS A UMA TERRÍVEL OBSESSÃO POR CONTAGEM DE TEMPO, LOGO, DE DINHEIRO, EM MÚLTIPLOS E SUBMÚLTIPLOS, ATÉ A NEUROSE FINAL.

TAMBÉM TEM NEGÓCIO DE ESPÍÃO - (COMO ERA MESMO O NOME DAQUELE FILME DO GODARD?)

O ESPÍÃO ESTÁ APONTADO PELA SETA, MAS FINGE NÃO SER COM ELE.



TEM TAMBÉM A SINALIZAÇÃO. AH, A SINALIZAÇÃO! TÁ TUDO MARCADINHO ALI NO CHÃO, COM UM GUARDA EM CADA ESQUINA PARA APLICAR A DURA-LEX.



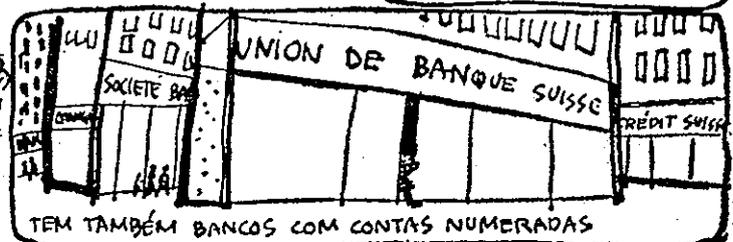
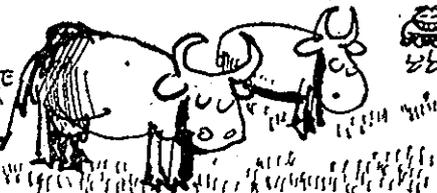
QUANDO NÃO TEM GUARDA TEM SEMPRE UMA VELHINHA DEDURANTE. SACUMÊ, AI A GENTE RESPEITA MESMO A LEI. O OUTRO DIA ERREI A ENTRADA DE CASA E TIVE DE IR EM FRENTE, SEMPRE EM FRENTE, SEMPRE... ATÉ DAR COM AQUELA TORRE →



O PESSOAL LA' EM CASA NÃO ACREDITOU, MAS FOI ASSIM QUEU FUI A PARIS

EM PARIS NÃO TINHA MEIA VOLTA, TUDO É PRA FRENTE, DE MODO QUE EU CONTINUEI, ATÉ OUVIR UM BÊM! (ERA UM BÊM BEM). AI APROVEITEI E FUI BATER UMA CAIXA COM O IVAN LESSA, O CAETANO E O GIL. ERA LONDRES, NÉ?

MAS VOLTANDO À SUIÇA, ELA TEM TAMBÉM VACAS QUE FAZEM CHOCOLATE, MANTEIGA E FONDUE



TEM TAMBÉM BANCOS COM CONTAS NUMERADAS

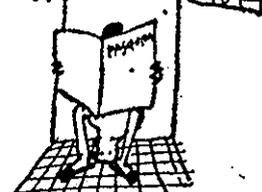


O DILEMA DO GAROTO SUIÇO É: QUANDO CRESCER, VOU SER RELOJOEIRO OU BANQUEIRO?

ELE É SEMPRE A CARA E O JEITÃO DO PAI



NA SUIÇA TEM TAMBÉM O CONTRÔLE DE L'HABITANT, QUE CONTROLA O HABITANTE DE PERTO, ATÉ, DIZEM, EM SEUS MOMENTOS MAIS ÍNTIMOS



E A CERVEJA CHAMA-SE FELDCHLOSSEN, O QUE É DURO PEDIR DEPOIS DO QUINTO DUPLO

-ME DÁ UMA FLHSSNN?

CLAUDIUS/70

cio desagradável. Então o homem, que não deve ser um mau sujeito, resolveu tomar suas providências. Entrou em contato com uma missão religiosa e pediu para retirar os índios das terras dele. Os padres, muito solícitos, pediram à FAB que colaborasse com aviões. E tiraram os índios, apesar do preceito constitucional que garante as terras para eles. Os índios foram retirados pacificamente, apenas através de meios suosórios — e é muito fácil convencê-los a fazer qualquer coisa. Foram retirados 200. Quando chegaram à missão religiosa, 90 índios morreram de sarampo. Este fato eu ouvi narrado pelo próprio padre aqui na televisão, no Rio de Janeiro. O padre mostrou uns xavantes dançando na televisão e comentou: vocês estão vendo estes índios? Pensem que eles são fortes? Agora mesmo morreram 90 deles. São fraquíssimos. Quer dizer: quem é o responsável? Ninguém, é a estrutura.

Luiz Carlos Maciel — Eu tenho impressão de que se eu me meter no meio dos índios, vou carregar pra eles um monte de micróbios, germes, vírus, etc., para os quais o organismo deles não está preparado. O que me espanta é que o padre vai lá pra salvar a alma do índio mas acaba matando o corpo.

NOEL NUTELS — Há quem ache mais importante salvar a alma que o corpo.

Maciel — A melhor solução não seria deixar os índios em paz, vivendo a vida deles? A presença de um civilizado lá só pode dar em porcarias.

NOEL NUTELS — Se vê que você tem bom senso. É verdade. Você tem razão. Se você se der ao trabalho de ler a correspondência dos jesuítas, do Padre José de Anchieta, do Padre Manoel da Nóbrega, você verá que eles ficavam impressionados. E escreviam: "Meu Deus, como os índios são fracos, como morrem. Há dois anos atrás eram 20 mil, hoje só são 800". Eles não sabiam que eram eles que estavam matando, porque provavelmente, tanto o Nóbrega como o Anchieta, eram tuberculosos. Na melhor das inocências, na melhor das boas-fés, eles transmitiam a doença. Naquele tempo, o único remédio contra a tuberculose eram as viagens marítimas e clima quente. Então os tísicos daquela época emigravam

13 mil quilômetros de terras dos índios. Quer dizer: o próprio Presidente da Fundação Nacional do Índio libera terra dos índios, apesar do preceito constitucional.

Tarso — Na minha opinião, o mau tratamento aos índios é uma forma de racismo.

NOEL NUTELS — É claro, e eu estou censurando. O que estou dizendo é que o índio, sem se desligar da sua cultura, possa chegar um dia a ser redator d'O PASQUIM.

Marta — Como?

NOEL NUTELS — É que entre nós e os índios há pelo menos 20 mil anos de diferença. Nas proximidades do Xingu, eles usam ainda machado de pedra polida. E não muito bem polida. Então, o que eu quero dizer é que o índio, para ser redator d'O PASQUIM, ele tem que percorrer 20 mil anos de cultura. O que podemos fazer é com a colaboração de antropólogos, etnólogos, acelerarmos a marcha dos índios. Quando você dá ao índio um machado de metal, para substituir o de pedra, talvez isso represente para ele o que representou para nós a revolução industrial inglesa, porque no lugar de levar meses para fazer uma canoa, o índio fará essa mesma canoa em uma semana. Quer dizer: a cultura é feito certos medicamentos que são espetaculares se são dados dosadamente, com segurança.

Sérgio — Você falou nas mortandades de índios no tempo de Anchieta. E há ainda hoje as epidemias de gripe, sarampo, etc. Existem números que demonstrem que os índios estão acabando?

NOEL NUTELS — É claro que existe. É verdade que em nosso país o negócio de estatística é deficiente. O que se sabe, pelo que se apurou em literatura, é que havia na época do descobrimento do Brasil, provavelmente, três milhões de habitantes. Há quem ache até que foram dez milhões de habitantes. Há quem ache que era de um milhão, mas se você disser três, quatro milhões estará acertando. Atualmente, os cálculos são que existem no Brasil 150 mil índios. Agora, há outros aspectos importantes. Em outros países da América Latina, você sente a presença do índio no homem da rua. No México, você vê índio na rua, você vê embaixador, diplomata, com cara de índio. Você vê isso na Bolívia, no Peru, mas não vê no Brasil. O que aconteceu? Em certas partes do Brasil o índio não chegou a se mesclar, não chegou a se miscige-

“Os padres dizem que quando eles tomam o kaapi vêem coisas e tal, e que lembra um pouco o LSD.”

verdade. A dose da mistura, a dose do coquetel é que varia muito. Na Bahia, por exemplo, a dose maior foi do negro. Aqui no Sul, também houve grande participação de negro. Há uma região no Estado do Rio que houve boa participação de índio também.

Sérgio — Você sabe que as selvas brasileiras estão cheias de missionários norte-americanos. Você considera positiva ou negativa a contribuição deles?

NOEL NUTELS — Pra começo de conversa, acho negativa a contribuição de qualquer missão religiosa. Exatamente por respeitar a cultura do índio, acho que a catequese — não é bem a missão, mas a catequese religiosa — é também uma forma de matar índios. Ela atinge exatamente a cultura do índio, o que eu acho fundamental. A cultura do índio é um negócio tão poderoso que o civilizado só se radicou na Amazônia porque adotou a cultura indígena. Acho que as missões religiosas exercem um papel extremamente negativo em relação aos índios. E só visitar as missões para se ver o que aconteceu. Vocês vêem índios vestidos, mal vestidos, que deixaram de ser índios, não são civilizados e não são coisa nenhuma. São profundamente infelizes.

Maciel — Eu tenho impressão que poderia haver uma espécie de intercâmbio entre a cultura do índio e a nossa cultura. Quando digo isso, é porque suponho que deve haver muita coisa dele, na base de organização familiar, organização social, comunidade, que pode até ser superior à nossa. O que é que você acha disso?

NOEL NUTELS — Eu acabei de

falar na experiência da Amazônia, onde o civilizado teve que adotar a cultura indígena para sobreviver. Acho que realmente temos muita coisa a aprender com os índios. Por exemplo: acho que devemos ocupar o Brasil. Acho mesmo que o Brasil está despojado e precisamos resolver esse problema porque existe uma cobra internacional física de certas regiões brasileiras. Eu lembro que, em 1939, no começo da guerra, quando Hitler falava em espaço vital, houve um cavaleiro no Congresso francês, se não me engano Paul Renault, que disse: “Se há esse problema do espaço vital, por que não ocupar as terras do Brasil Central que estão desocupadas?”

Tarso — Ai o Raimundo Padilha deve ter dito: “a casa é sua.”

NOEL NUTELS — Então, é preciso ocupar isso. E há uma forma de ocupar, que não é transportando nordestino para lá porque desocupa o Nordeste para ocupar o Brasil Central. E dando assistência e aproveitando a cultura daquele pessoal que está lá, que você resolverá o problema. Então, a experiência do índio é claro que será importante pra nós, porque é ele que conhece a região. Não como organização social. Isso não, porque os índios estão há 20 mil anos de nós.

Tarso — Existe alguma erva lá que faça o mesmo efeito da maconha, LSD, etc.??

NOEL NUTELS — No Xingu não existe. Existe uma coisa desse gênero no Rio Negro, entre os índios Decana, Tariana, Tucano. É um negócio que eles chamam de kaapi. Os padres dizem

“Acho horrível essa expressão “pacificar”.”

para os países tropicais. Aquela jibossidade do Santo Anchieta, que era realmente um santo, provavelmente era tuberculose na coluna vertebral. A descrição da morte de Nóbrega, de hemoptise, confirma tudo isso. Agora mesmo, a Fundação Nacional do Índio resolveu pacificar os índios Beigo-de-Pau. Já essa expressão pacificar eu acho horrível. Historicamente, é o índio que tem tentado pacificar a gente desde que foi descoberto o Brasil. Não é piada não, é absolutamente verdadeiro. Então, a Fundação foi lá pacificar. O resultado é que morreram não sei quantos índios. Eu tive uma informação de que foram 45, mas o rapaz que foi responsável pela expedição me disse que não, “só” foram 28, ele contou. Isso ele contou, mas muitos índios doentes vão morrer no mato. Eles fogem e só muito tempo depois são encontrados os esqueletos. Daquele grupo de índios, os que sobram foram transportados para o Parque Xingu, que é a única experiência positiva que existe por aí, e os índios chegaram em lamentável estado de saúde, com gripe e tudo mais. Agora, o Presidente da Fundação diz aos jornais que foram liberados para a civilização ocidental

nar, que é uma boa solução para o problema. Onde você sente a presença de índio no homem da rua é na Amazônia. Lá você vê o piloto do avião com cara de índio, o médico com cara de índio. Mas o que aconteceu na Amazônia? Houve um processo que não foi de europeização da Amazônia, mas de tupinização do europeu.

Tarso — Mas além das doenças, os índios são também assassinados. Há inclusive processos formados.

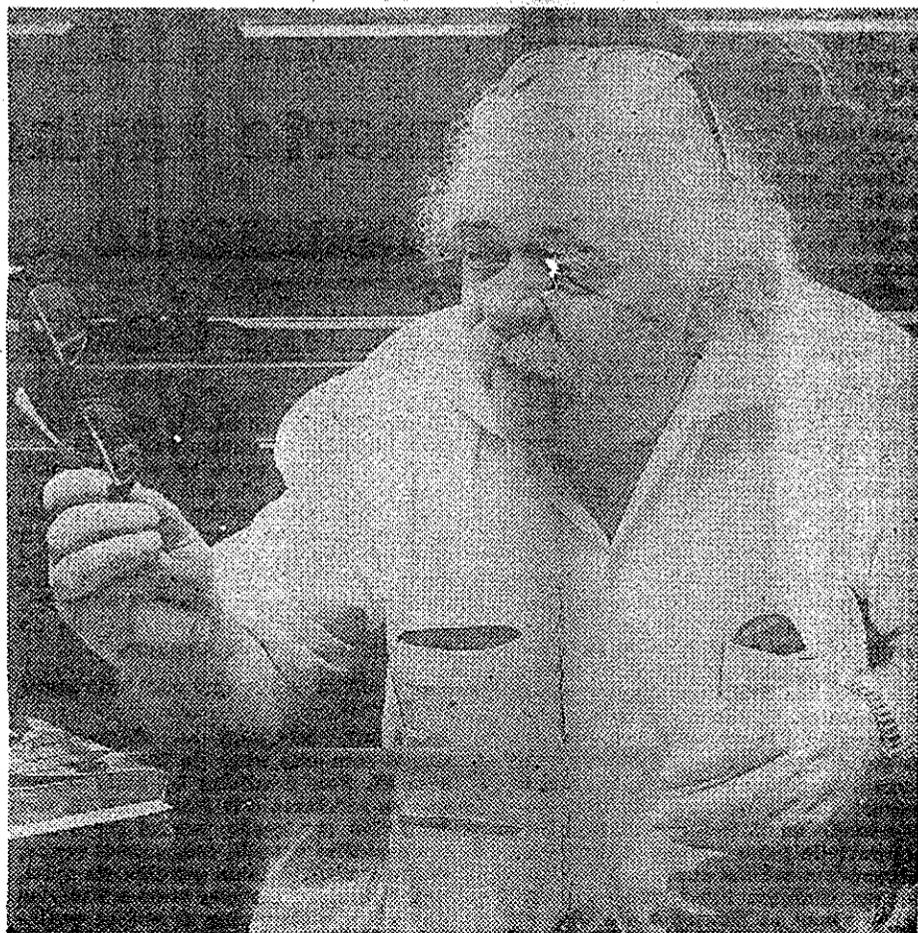
NOEL NUTELS — É verdade. Pelo que eu sei, aqueles sujeitos que assassinaram os Cintas-Largas até hoje estão soltos.

Tarso — Há pouco tempo mesmo eu peguei uma matéria na Última Hora que era uma entrevista de um daqueles assassinos.

NOEL NUTELS — Se esse pessoal não foi punido até hoje, acho esse negócio de uma gravidade tremenda. Considero até que é um estímulo a novos atos como esses, caso não seja tomada uma medida enérgica.

Fortuna — Com essa falta de miscigenação deixa de ser verdadeira aquela história de que o brasileiro é fruto de três raças tristes como eu sempre li nas antologias no colégio.

NOEL NUTELS — Na Amazônia, 6



que quando eles tomam esse negócio vêm coisas e tal e que lembra um pouco o LSD.

Sérgio — Os princípios do Marechal Rondon estão sendo respeitadas?

NOEL NUTELS — O prestígio das missões religiosas é, a meu ver, uma traição ao pensamento de Rondon.

Vinícius — Você acha que o problema do índio brasileiro — educação, saúde, habitação, alimentação, adaptação, etc — tem alguma possibilidade de ser resolvido, ou se trata mesmo de uma raça em extinção que não toleraria qualquer mistura ou sincretismo com a civilização do chamado homem branco?

NOEL NUTELS — Olha, Vinícius, não são raças, mas povos. No Brasil há inúmeros povos. Há povos reduzidos a três pessoas. Eu conheço um povo reduzido a 22 pessoas. O Turumai. Tem sua língua própria, tem seu passado histórico próprio, suas crenças, seus heróis. Hoje, estão lá dentro da área do Parque do Xingu. Muitos povos acabaram antes de serem estudados.

Maciel — Depois dessa acho que podemos considerar, perante Deus, que a nossa civilização é uma civilização assassina.

NOEL NUTELS — Toda a minha luta pelos índios é um problema de solidariedade humana. Eu sei que é uma fatalidade, mas precisamos humanizar essa extinção. Um dia eles serão integrados e fatalmente desaparecerão como povos. É lamentável, mas a verdade é exatamente essa.

Vinícius — Noel, somos amigos há muitos anos e depois deixamos de nos ver por circunstâncias de nossas vidas errantes. Gostaria muito que você falasse da pensão de Dona Berta e Seu Salomão, seus pais, lá no Recife. Eu sei que Rubem Braga e Fernando Lobo foram hóspedes lá na pensão de sua mãe. Você se lembra deles por lá? Eles perturbaram muito?

NOEL NUTELS — Puxa vida, é ótimo esse poezinho. Sabe que isso me emocionou? Estou arrepiado. É claro que me lembro. Não era bem uma pensão. Eu sou filho único e morava no interior de Alagoas. Vou falar um pouco de mim, não sei se vai chatear os leitores d'O PASQUIM. Era um lugarzinho chamado Laje do Canhoto e depois passou a se chamar São José da Laje. É uma cidade que acabou depois da última cheia que houve lá. O único bem imóvel que eu tinha lá o rio carregou. Virou móvel. Eu fui estudar em Garanhuns, que é a Suíça pernambucana. Era um colégio de padres. Meus pais, embora judeus, venceram o preconceito religioso pelo preconceito de ter um filho doutor. Me matriculei num colégio de padres, do qual eu tenho uma saudade enorme, principalmente de um homem chamado padre Antero Pequeno, uma figura excepcional que nunca tentou fazer proselitismo comigo, nunca tentou me converter. Depois, conheci um sobrinho dele, chamado Evandro Pequeno, também uma grande figura. Mas o padre Antero jamais tentou me converter, embora num período da minha vida eu tenha sido católico. É uma religião linda, não há criança que agüente, nem há índio que agüente uma missa, um mês de Maria, aquelas cantigas. É uma religião que atinge a gente em todos os sentidos. Quer dizer: eu fui católico uma parte da minha vida. Depois, desisti de ser e nem judeu sou mais nada. De judeu carregou só o estigma da circuncisão.

Sérgio — Você não nasceu no Brasil, não foi?

NOEL NUTELS — Não, nasci na Rússia e vim para o Brasil com oito anos de idade. Bem, continuando a história, fui estudar em Recife, já na universidade. E minha mãe resolveu assumir a república onde morávamos eu e uns estudantes. Passou a ser uma espécie de pensão. Ela nunca teve lucro. O lucro era nos manter lá. Lá eu convivi por exemplo com os irmãos do Ariano Suassuna. Com o Ariano não, porque ele era muito novo. O Rubem Braga foi pra lá enviado pelos Diários Associados e ganhava um salário enorme. Era cinco contos, dinheiro pra burro. Depois, ele brigou com os Diários Associados e foi fazer um jornalzinho vagabundo



chamado Fôlha do Povo. Ele fez para esse jornal as suas melhores crônicas. São as crônicas que compõem o livro O Conde e o Passarinho. De maneira que jamais poderia esquecer essa época da minha vida. O Rubem Braga eu passo anos sem vê-lo, mas pra mim ele é um irmão. Nunca me esqueço do bilhete que ele me mandou quando minha mãe morreu, aquilo me emocionou muito. Minha mãe, foi uma grande figura. Era uma matriarca. Lá em casa prevalecia o matriarcado e aqui também. Aqui quem manda é a minha mulher.

Vinícius — Seu Salomão fez a guerra russo-japonesa. Você chegou a ouvir histórias de guerra contadas por ele, quando vocês viviam em Odessa?

NOEL NUTELS — Meu pai não participou da guerra. Ele era fornece-

ruas, essas coisas. Então, papai foi para a Argentina. Ele saiu em 1913 e eu só nasci três meses depois. Só fui conhecer papai quando chegamos aqui. Só judeu tem esse tipo de história. Ele chegou na Argentina e fracassou. Depois veio para o Brasil. Meu pai veio num navio alemão que ficou retido em Recife, porque já havia começado a I Guerra Mundial. Essa história parece até aquele conto do Monteiro Lobato, O Espião Alemão, vocês conhecem? Não conhecem?

Fortuna — Eu conheço.
NOEL NUTELS — Fortuna é o único rapaz culto desse grupo. Meu pai foi confundido com alemão e teve que fugir, porque estavam dando perca em todo mundo que pensavam ser alemão. E meu pai foi bater em São José da Laje. Enquanto a guerra não acabava,

grande chutador do grupo. Viajamos em todo o Brasil. O Fernando Lobo tocava violino, aliás, mal pra burro, péssimo. O Teófilo de Barros Filho, um grande amigo meu, que morreu há pouco tempo, era pai do Téo, parceiro do Vandrê na Disparada, tocava saxofone também muito mal. Só havia um camarada de talento, que hoje é médico no Ceará e tocava pistom. Chamava-se Vicente Andrade Lima. Quando nós estivemos aqui, em 1935, o Napoleão Tavares, que tinha uma orquestra, Napoleão Tavares e Seus Soldados Musicais, ofereceu dinheiro pra ele ficar. Mas ele não quis. O Capiba tocava piano.

Sérgio — O Chacrinha não era baterista da banda?

NOEL NUTELS — Não, depois é que apareceu um negócio chamado

“Indiretamente Diacuí morreu de morte matada. Permitiram aquêlê casamento que foi uma forma de matá-la.”

dor do Exército russo. Ele não me contava histórias da guerra porque ele era contra a guerra, como eu sou hoje, não topo guerra. Eu não sou de Odessa, eu sou de uma cidadezinha perto de Odessa que se chama Ananiev. Quando eu digo que sou de Odessa é porque ninguém sabe onde fica Ananiev. Houve uma crônica escrita pelo Osório Borba, na Comédia Literária, com o título de De Odessa a Laje do Canhoto.

Vinícius — Por quê você veio parar no Brasil?

NOEL NUTELS — Cheguei ao Brasil com oito anos de idade e estou com 57. Sou brasileiro há mais tempo que os redatores d'O PASQUIM. E sou brasileiro por opção, resolvi ser e deu um trabalho danado, mas acabei sendo. Quando mamãe ficou grávida de mim, papai resolveu emigrar para a América do Sul para ficar rico. O que se conta era que se encontrava diamante nas

meu pai fazia um pequeno comércio na cidade. Foi ele que introduziu a venda a prestação em Alagoas. Foi um pioneiro. Evoluiu e tal e, em 1922, mandou uma carta pra nós mandando que a gente viesse para o Brasil. Desembarcamos dia 27 de agosto em Recife, num navio chamado Madeira. E foi essa história da minha chegada ao Brasil que Osório Borba contou em Comédia Literária. Ele ganhou cem mil réis da Revista do Brasil, com a história que contou e me deu cinquenta mil réis porque achava que eu era dono da metade da história. Ele era um homem extremamente honesto.

Vinícius — Eu sei que você era secretário e animador principal da Jazz Band Acadêmica do Recife, que excursionou ao Sul, com grande sucesso. Esse é um aspecto inédito da sua vida.

NOEL NUTELS — É verdade. Eu regia orquestra, eu cantava, eu era o

Bando Acadêmico e foi nêle que o Chacrinha entrou. Chacrinha conviveu muito comigo, mas não o vejo há uns 200 anos. Chacrinha, aliás, é primo do Capiba. Foi a Jazz Band Acadêmica do Recife que introduziu o frevo aqui. Não, não foi, estou sendo injusto. Quem trouxe o frevo para o Rio foi o maestro Garrafinha. Isso é uma homenagem ao Sérgio que não entende nada de frevo, só de samba. Eu fazia demonstrações de como era a dança do frevo no palco do Alhambra, que era ali onde é hoje o Hotel Serrador.

Tarso — O que você acha de Caetano Veloso?

NOEL NUTELS — Acho um garoto corajoso, peitudo, fez coisas interessantes. Eu sou um velhinho pra frente.

Sérgio — Você agora está metido no negócio de tuberculose. Eu pergunto: ainda se morre de tuberculose no Brasil?

NOEL NUTELS — A tuberculose, embora tenha surgido ultimamente no arsenal terapêutico uma quantidade enorme de medicamentos, altamente fabulosos, o problema ainda existe sob o ponto de vista administrativo. O diagnóstico é fácil, o remédio está aqui, basta montar uma máquina para atingir o Brasil na sua mais estreita intimidade, no sentido de diagnosticar e tratar corretamente. Se há um negócio que há cura matemática, hoje, é a tuberculose. O que precisa haver é o tratamento certo. Se houver o contrário, principalmente sob o ponto de vista de saúde pública, que é o meu ângulo, a coisa se agrava extraordinariamente.

Tarso — Mas o Brasil não tem estrutura para isso.

NOEL NUTELS — Posso garantir a você que a mortalidade por tuberculose caiu verticalmente. Era de 300 por 100 mil e hoje está a 50 por 100 mil, que é ainda um índice alto, mas melhorou muito. É verdade que há um problema de estrutura. Eu dirijo um pequeno setor do Serviço Nacional de Tuberculose, chamado Setor de Unidades Sanitárias Aéreas, que nasceu da minha experiência de andar pelo mato com a FAB. Mas já verificamos que não adianta nada disso se não houver no solo alguém que acompanhe o tratamento durante um período de um ano. O problema realmente é de organização.

Tarso — Se você não clinica como é que você vive?

NOEL NUTELS — Aqui em casa quem não trabalha não come. Eu trabalho num lugar, sou aposentado noutra, minha mulher trabalha, e vamos somando nossos salários. Você vê: nós temos quadro do Pancetti, Seliar, Bandeira, Caribé, Noêmia, Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Bianco, Aldemir, Caloca, Poty, só que nada disso é comprado, tudo é dado.

NOEL NUTELS — Gilberto Gil.
Tarso — Roberto Carlos ou Jorge Ben?

NOEL NUTELS — Roberto Carlos.
Tarso — Jorge Amado ou José Mauro de Vasconcelos?

NOEL NUTELS — Isso é pergunta que se faça. Tarso?

Maciel — O que é que você achou do Quarup, de Antônio Callado?

NOEL NUTELS — Uma beleza de livro. Um livro muito importante.

Sérgio — Aquê negócio dos índios que ele conta no livro é real?

NOEL NUTELS — Você sabe que o Callado estêve lá.

Tarso — Você que tem enfrentado todo esse problema de índios, viajado de avião mesmo tendo medo, você seria capaz de viver em São Paulo?

NOEL NUTELS — Nunca. Eu admiro São Paulo, acho São Paulo admirável. Eu sou sócio de um barzinho no Museu de Arte Moderna de lá, onde me reúno com os amigos. Quando eu vou a São Paulo resolvo meus negócios todos rapidamente, passo no bar, tomo meu pilequinho e vou-me embora no primeiro avião. Chego lá, todo mundo está falando em negócio, o Aldemir Martins está querendo vender quadros. Só falam em negócio.

Tarso — São Paulo ou Manaus?

NOEL NUTELS — Manaus, mil zézes. Não é que não admire São Paulo. Admiro muito. Mas Manaus é muito mais para o meu temperamento. São Paulo é formidável, mas aquele progresso me esmaga. Eu sou um índio, eu não agüento.

Vinícius — Um dia me perguntaram numa reportagem quais são as três coisas mais tristes do mundo e eu disse: menina feia na janela de rua

“A catequese religiosa é também uma forma de matar índios.”

Tarso — O problema de saúde é prioritário?

NOEL NUTELS — Não, eu não considero. O problema de saúde é primeiramente um problema de desenvolvimento econômico, de reforma agrária. Resolvendo esse problema, o problema de saúde estará encaminhado. A saúde do inglês, por exemplo, só melhorou depois que ele se industrializou. O Brasil ainda não fez a sua reforma agrária. Fala-se muito nela, o IBRA está aí, mas não se fez a reforma agrária. Inclusive para o índio talvez seja uma solução a reforma agrária.

Tarso — Quais são as pessoas de quem você gosta?

NOEL NUTELS — Di Cavalcanti, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, um sujeito chamado Canato, que é um índio, um outro índio chamado Raunir. Eu concentro tudo numa pessoa só, ou melhor, nos irmãos Villas-Boas. Seria impossível citar tôdas as pessoas que eu amo.

Maciel — Diz uma coisa que esteja acontecendo hoje no Brasil e que lhe dá esperança no futuro do país.

NOEL NUTELS — O PASQUIM.

Maciel — E o que lhe dá desânimo?

NOEL NUTELS — Não se ter feito até hoje a reforma agrária.

Sérgio — Qual é o maior compositor popular brasileiro?

NOEL NUTELS — Por um problema afetivo, Capiba. Depois dele, Paulinho da Viola, a quem não conheço pessoalmente.

Tarso — Caetano Veloso ou Chico Buarque de Holanda?

NOEL NUTELS — Ohlco Buarque.

Tarso — Gilberto Gil ou Roberto Carlos?

transversal às três horas da tarde; músicos de casa de chá feito o da Confeitaria Colombo da cidade e índio na televisão a fazerem u-u-u. Aquilo me deixou numa fossa arretada. Você concorda que uma crueldade?

NOEL NUTELS — Poetinha, você é o maior. Exatamente. E não é só índio na televisão. É índio na civilização. Não há nada mais triste.

Maciel — A Diaçu morreu de morte morrida ou de morte matada?

NOEL NUTELS — Indiretamente, foi de morte matada. Embora tivesse morrido de parto, foi de morte matada. Permitiram aquê casamento que foi uma forma de matá-la.

Tarso — Pra mim aquê cara que casou com ela é um vigarista. Você acha?

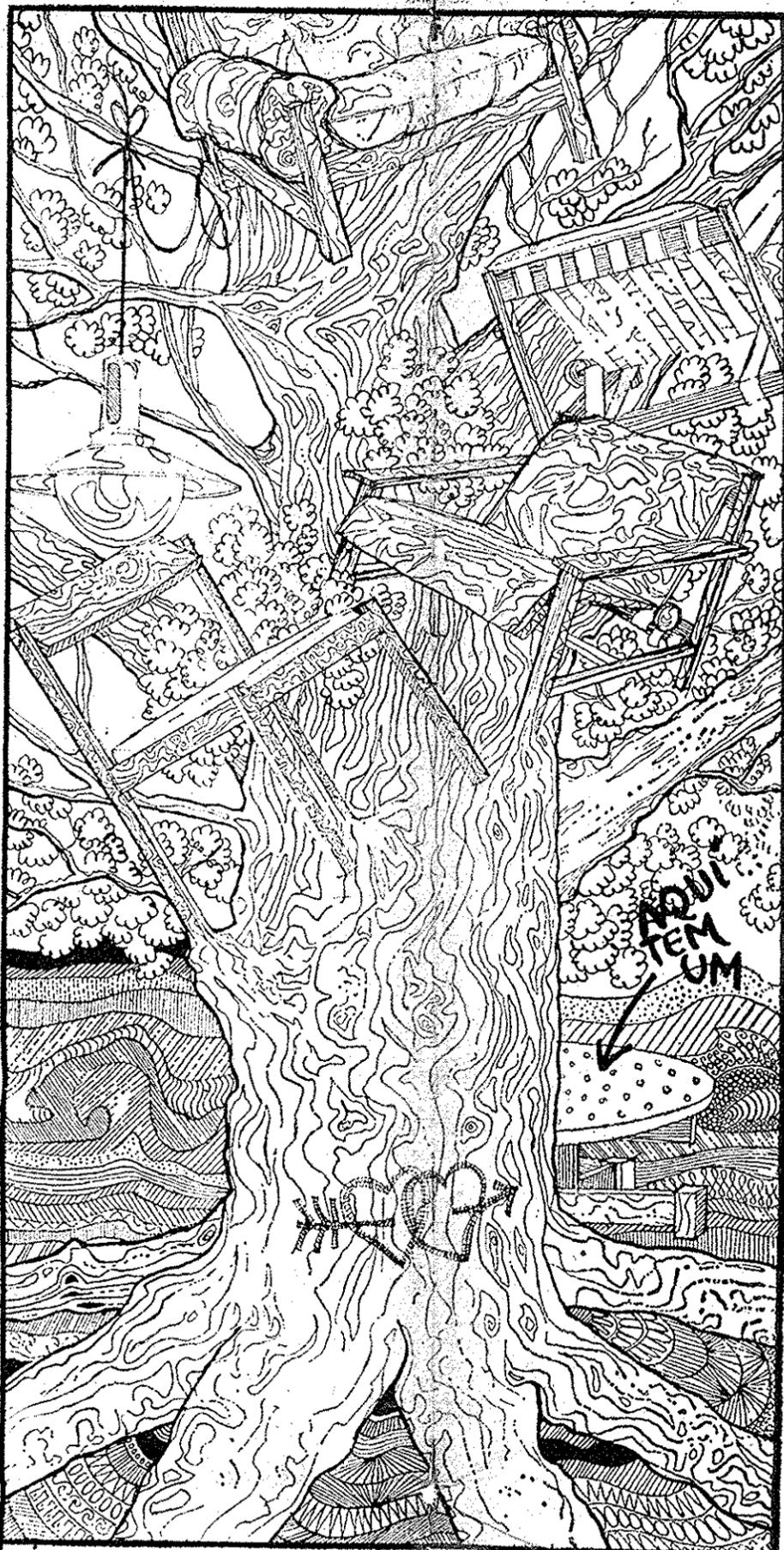
NOEL NUTELS — Estamos de acôrdo, Tarso. É um pobre diabo que tentou descobrir uma maneira de se realizar. Ele foi meu enfermeiro no Xingu. Ele tinha a mania de fazer cruzes suásticas nas árvores. Se você andar pelo Xingu e encontrar cruz suástica nas árvores foi ele que andou por ali.

Sérgio — Se você tivesse que apontar um brasileiro para Prêmio Nobel da Paz quem você apontaria?

NOEL NUTELS — Os Villas-Boas, é claro.

Maciel — Para o seu trabalho, para a sua realização pessoal, se lhe fôsse dar um presente, qual que você mais esperaria?

NOEL NUTELS — Um transporte aéreo próprio para transportar meu grupo de trabalho quando fôsse necessário.



Procure no desenho 6 objetos escondidos. São poltronas, cadeiras, mesas e luminárias da Tora. (A árvore não conta). Será difícil achá-los. Agora, procure as poltronas, cadeiras, mesas e tudo o mais na TORA Ipanema ou TORA Leblon. Será mais fácil. Lá estão bem à vista. Como ficarão depois na sua residência ou escritório. Bem à vista.

TORA IPANEMA: AVENIDA EPITÁCIO PESSOA, 280-A, RIO.

TORA LEBLON: AVENIDA ATAULFO DE PAIVA, 23-A, RIO.

TORA

É FERRO NA

— É aquele, é aquele lá que vai ficar nu.

O Museu de Arte Moderna do Rio fervilhava de gente. Abria-se aquele dia o Salão Nacional de Arte Moderna. A multidão acotovelava-se, uns indicando aos outros uma nova obra estranha que se achava neste ou naquele ponto do Salão. Mas eis que uma notícia começa a correr de boca em boca.

— É aquele lá. Vai tirar a roupa.

Meu amigo, que também usa barba, mas muito antes que ela se tornasse moda, sentiu-se de repente alvo de dezenas de olhares. Discreto por feitio, tratou de escapar à curiosidade daquelas pessoas, afastando-se dali. Mas foi pior: elas começaram a segui-lo e a aumentar de número. Já quase em pânico, meu amigo ouviu de passagem um comentário:

— É ele que vai ficar nu aqui.

— Não. É o Antônio Manuel. Aquêlé lá, sem barba.

Disse o rapaz e apontou na direção da escada onde, de fato, postara-se um jovem cuja fisionomia estampava aquela palidez das decisões históricas. Os equivocados também perceberam que o herói era outro, pois a quase totalidade do público parara de ver as obras expostas e se voltava para aquele ponto da escada. E, diga-se a verdade, o público já dava demonstrações de impaciência.

— Como é? Vai ficar nu ou não vai? Reclamou alguém em tom não muito alto mas irritado.

Lá, na escada, tendo ao lado uma bonita mulata, Antônio Manuel começa o seu striptease: tira a camisa, desabotoa as calças. A moça o acompanha: tira a blusa e desabotoa a saia. Ele tira as calças: está de cuecas. Ela tira a saia: está de calcinhas... O público, magnetizado. Mas ainda não aplaude. Ele quer mais.

O rapaz e a moça estão agora seminus diante de mais de mil pessoas, no Museu de Arte Moder-

na. Estão pálidos, assustados com sua própria audácia. Mas o público está a ponto de vaiar: quer a nudez total. Antônio Manuel se resolve: olha para a moça e, num gesto, tira as cuecas — fica nu em pélo. A moça tira o soutien mas não tem coragem de despir as calcinhas. Não faz mal. Diante da nudez do rapaz, o público irrompe numa estrondosa salva de palmas. Era a consagração. Antônio Manuel, tomado de euforia, balança-se agora, nu, pendurado no balaustre da escada.

Até aí, tudo bem. Mas eis que uma nova notícia faz fremir o público naquela tarde de sensações: um choque de Polícia, postado diante do museu, fôra informado e vinha prender os dois nudistas. Avisados, Antônio Manuel e a moça pegaram apressadamente suas roupas e sumiram, ele nu e ela de seios (lindos!) de fora, na multidão... Houve quem não gostasse desse final de ato. A colsa, para ser completa, devia culminar com a prisão dos manifestantes... Os manifestantes, porém, não pensavam assim. Se arrancaram.

Passado o reboiço, as pessoas voltaram a contemplar as obras expostas e a discuti-las. "Este pedaço de rôlha aqui devia ser um pouco maior ou não?" "No meu entender, em vez de rôlha, o artista devia pôr aí um pedaço de lingüiça." "Que absurdo! comentou um terceiro. Lingüiça, o Goover já usou na Bienal de Paris"...

Mas a direção do Museu achou por bem encerrar o Salão recém-inaugurado para evitar maiores complicações com as autoridades. As luzes se apagaram e o público convidado a sair. À saída foi que o meu amigo ouviu um senhor falando numa roda de pessoas atentas. Era um homem de meia idade e de fala fácil, eloquente.

— Houve uma grande incompreensão da parte da comissão organizadora do Salão e do júri de seleção. Antônio Manuel tinha se

inscrito para expor no Salão mas não o aceitaram. Não o aceitaram apenas porque ele se propunha a ser a sua própria obra em exposição. O júri ponderou que, para aceitá-lo como obra de arte, teria de submetê-lo a tôdas as exigências que regem a escolha e exposição das demais obras. Teria que ficar, no Salão, em exposição, durante dois meses, sem sair nem pra comer nem pra dormir em casa. E, se obtivesse o prêmio de aquisição? Passaria a ser propriedade do Governo, iria para o acervo do Museu Nacional de Belas-Artes?

— Pois bem, estas e outras ponderações absurdas — prosseguiu o conferencista — levaram o júri a rejeitar Antônio Manuel como obra de arte digna de ser exposta... O que não impediu que ele, rompendo com tais convenções idiotas, se expusesse ao público, como acabou de fazer.

E explicou que aquela era uma noite histórica para a arte. "O Brasil acaba de assumir definitivamente a vanguarda das artes no mundo. O gesto de Rembrandt que, no século XVII, rompendo com as convenções, se fez tema de sua própria pintura, realizando dezenas de auto-retratos, se completa nesta noite quando o artista se torna, não apenas tema de sua obra, mas a própria obra. É a integração total."

Meu amigo foi se afastando em meio às últimas pessoas que deixavam o museu, ainda comentando o fato:

— Ele é mais bonito do que ela. Um corpo bem desenhado e muito proporcional... como o Davi.

— Essa não. É porque ela não tirou as calcinhas... Como é que você pode saber?

Conclusão nossa: êsse pessoal jovem não está nem um pouco contente com o mundo em volta. Também pudera, né?

FERREIRA GULLAR



Nezil

OBRIGADO
NELSON
MOTA!

FRADINHO

